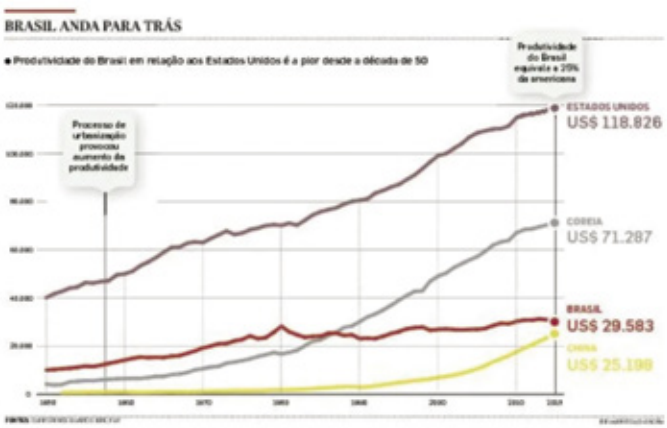
A PRODUTIVIDADE NO BRASIL É MUITO BAIXA

MILTON REGO*

Paul Krugman, Nobel de Economia, costuma dizer que "produtividade não é tudo, mas, no longo prazo, é quase tudo".

A busca de políticas eficazes a fim de estimular a produtividade é fundamental para o Brasil (e para outros países) eliminar a pobreza e construir prosperidade. Então, uma vez que é tão importante, por que o Brasil exibe uma produtividade tão baixa?

Em primeiro lugar, porque deixamos de crescer há mais de 30 anos *(veja o gráfico)*.



Depois da década de 1970, época do chamado "milagre brasileiro", quando a economia nacional cresceu a um ritmo chinês, simplesmente não avançamos. Perdemos o bonde das grandes transformações da indústria nas últimas duas décadas e (com exceção do agronegócio) não conseguimos participar das cadeias globais de valor.

PRODUTIVIDADE E INVESTIMENTO

O aumento de produtividade está relacionado a dois grandes vetores: capital e trabalhador. Ambos necessitam de investimento e, portanto, de poupança. E o Brasil parou de investir.

Produtividade do capital significa melhorar o "Custo Brasil". Significa aplicar recursos em infraestrutura, tornar o ambiente regulatório mais aberto e transparente, significa investir na modernização do capital físico (máquinas e equipamentos das empresas). Significa também melhorar o acesso e a qualidade do crédito e, finalmente, diminuir o custo do investimento, desonerando aquele realizado em capital fixo.

Investir no trabalhador é investir em sua educação. Investimento em educação no Brasil tem de ser feito, em primeiro lugar, na educação básica. É por meio dela que vamos reduzir (mas não acabar) com a injustiça criada pela enorme desigualdade da distribuição de renda na formação das crianças. Temos de investir o que for possível no ensino fundamental para diminuir o abismo que construímos, fruto da "irresponsabilidade social" (como falava Hobsbawn) do Brasil. Essa deveria ser a prioridade de qualquer governante.

Além da educação básica, precisamos apostar na educação técnica e valorizá-la. No Brasil, o curso técnico ainda é visto pelas famílias como algo de segunda classe, inferior ao diploma de ensino superior. É aquela ideia de que o meu filho só será "alguém" com um título universitário na mão.

Precisamos aprender com os países que exibem os menores índices de desemprego do mundo, onde, não por acaso, o ensino técnico é devidamente valorizado. A maneira de se pensar o ensino médio tem de mudar. Estamos no caminho com a nova proposta que foi aprovada em 2017 e que ainda precisa de dois anos para a sua completa implementação.

É importante também que a indústria se aproxime das instituições de ensino para sugerir novas competências e habilidades. Nesse aspecto, o Senai faz um excelente trabalho.

E OS ADVOGADOS?

O Brasil é o país que mais forma advogados no mundo. Temos mais cursos de Direito que todos os outros países do mundo juntos (*https://bit.ly/2HPsQ3l*). Incrível! E esse crescimento vem abraçado à péssima qualidade dos formandos – nem 10% deles consegue o registro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

É claro que isso é uma arapuca de empresas de ensino, que abrem a granel cursos cuja implantação é barata. Um departamento de Direito não precisa de laboratório. Basta sala de aula, quadro negro, um grupo de professores e um cesto de lixo (como diz a piada, o departamento de Filosofia é ainda mais barato porque dispensa o cesto de lixo).

Cursos que nada mais são do que venda de diploma à prestação não contribuem com a melhora da nossa produtividade. Não tenho nada contra contadores e advogados. Mas, de modo geral, eles estão nas empresas para contornar as inúmeras "jaboticabas" que a indústria brasileira tem de lidar em seu dia a dia.

Se queremos produtividade, precisamos melhorar o ensino de Engenharia. Temos que trocar advogados por engenheiros. O diabo é que o Brasil forma poucos engenheiros. Menos, por exemplo, do que os nossos vizinhos sul-americanos.

Precisamos também atualizar as disciplinas dos cursos de Engenharia. As tecnologias se renovam em velocidade cada vez maior e os nossos cursos estacionaram no século 20. As associadas da Abal, por exemplo, têm dificuldade em contratar engenheiros que conheçam o alumínio e outros metais leves, e também compósitos, multimateriais...

É preciso ainda atualizar e reciclar os profissionais. Dar possibilidade para que acompanhem as mudanças tecnológicas. A digitalização das fábricas está aí na esquina!

Enfim, como disse o professor e especialista em produtividade, José Pastore, parodiando Krugman: "Educação não é tudo, mas é quase tudo".

* **Milton Rego** *é presidente-executivo da Abal (Associação Brasileira do Alumínio)*